

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica

**DA DISTOPIA À UTOPIA: O PAPEL DA MÍDIA EM 1984 E FAHRENHEIT
451¹**
**FROM DYSTOPIA TO UTOPIA: THE ROLE OF THE MEDIA IN 1984 AND
FAHRENHEIT 451**

Fatima Inês Teles², Anderson Amaral De Oliveira³

¹ Artigo realizado como trabalho de conclusão do curso de Letras: Português e Inglês.

² Aluna do curso de Letras: Português e Inglês da Unijuí.

³ Professor Mestre do Departamento de Humanidades e Educação da Unijuí.

INTRODUÇÃO:

O presente resumo expandido estabelece relações entre as obras 1984, de George Orwell e Fahrenheit 451, de Ray Bradbury por meio do tema mídia, como ela se configura e como influencia a população. Nessa perspectiva, o mesmo possui como objetivos: Analisar o papel exercido pela mídia nas obras 1984 e Fahrenheit 451, verificando como se dão as relações de poder e convivência humana, observando qual a influência que a mídia controlada pelo Estado exerce nas sociedades criadas, respectivamente, por Orwell (1949) e Bradbury (1953), buscando estabelecer vínculos entre as obras por meio da Literatura Comparada.

Ao observarmos o papel da mídia nas obras descritas e refletindo à luz de autores e pesquisadores do tema abordado, podemos fazer uma ponte entre os temas presentes nas obras literárias e nosso contexto social, dessa forma, partimos da distopia e buscamos visualizar uma sociedade utópica, ou seja, ideal. A exploração dessas questões faz-se necessária por auxiliar professores, acadêmicos e pesquisadores de literatura proporcionando a melhor compreensão acerca das obras estudadas, além disso, provoca reflexões teóricas e literárias sobre as suas relações e como as mesmas recriam a realidade da sociedade contemporânea e questionam o papel da mídia na formação de visão de mundo e organização das sociedades.

METODOLOGIA

A pesquisa se realizou por meio de análise qualitativa e bibliográfica das obras com base nos pressupostos da Literatura Comparada buscando nos autores Tania Carvalhal, Gregory Claeys e Fatima Vieira, embasamento para analisar narrativas que se passam nas sociedades distópicas representadas com a finalidade de estabelecer relações acerca do papel que a mídia possui em ambas as obras estudadas. Por fim, as relações midiáticas serão analisadas a luz de autores como Ronaldo Helal, Márcio Souza, Gonçalves e David Buckingham, fazendo com que possamos refletir sobre o papel midiático em sociedades distópicas indo de encontro com nossa sociedade contemporânea.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

George Orwell escreveu a obra 1984 em 1948 e publicou no ano seguinte o romance, como num trocadilho entre o ano de produção e um futuro não muito distante, uma interpretação possível é que a distopia descrita por Orwell não era uma ameaça distante, tendo em vista o contexto que se

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica

apresentava na época, em que o mundo havia acabado de presenciar grandes guerras e choques ideológicos, com governos autoritários que exerciam poder sobre a população. Dessa forma, o romance Orwell é uma crítica ao totalitarismo, pois em 1948 o mundo tentava se recuperar da Segunda Guerra Mundial.

A trama se passa em uma sociedade controlada por um Grande Irmão, que tudo sabe e tudo vê por meio de teletelas. Dessa forma, os aspectos abordados na obra estavam em crescente ebulição na época: além dos governos totalitários, a difusão televisiva nos lares ameaçando substituir a memória coletiva. Na sociedade de Orwell, a memória é aniquilada pelo próprio governo que modifica a realidade e a molda conforme seus interesses. O contexto político e social da época em que 1984 foi escrito contemplava acontecimentos como a Segunda Guerra Mundial, o nazismo, e a guerra fria. Além disso, o desenvolvimento dos modernos meios de comunicação de massa e a popularização principalmente da televisão, levou pensadores e intelectuais a elaborarem teses apocalípticas sobre a relação entre governantes e governados (Helal e Gonçalves, 2002). A televisão era vista como uma possibilidade iminente de termos nossas vidas “vigiladas” e “controladas”.

Um instrumento de grande importância em 1984 é a teletela, objeto que está espalhado por todos os lugares e que o governo utiliza para vigiar a população. Com as teletelas o governo poderia saber o que as pessoas estavam fazendo dentro de suas próprias casas. Constantemente uma programação estava sendo transmitida pelo governo, em determinadas passagens do livro os apresentadores de programas de ginástica inclusive chamam a atenção dos espectadores que não estão participando das atividades transmitidas pela teletela. Além disso, um dos maiores instrumentos de controle são as teletelas, “uma placa metálica retangular semelhante a um espelho fosco, embutido na parede que podia ter o volume reduzido, mas era impossível desligá-lo de vez.” (ORWELL, 2009, p. 12).

Um dos ministérios implantados pelo Partido O Ministério da Verdade criava e recriava tudo que fosse relacionado a notícias, entretenimento, educação e belas-artes, fazendo modificações em obras já existentes para que fossem coerentes com as ideias difundidas pelo governo. Também novas obras eram criadas em larga escala, com uma espécie de máquina que, ao ser programada, executava o papel do escritor. Além disso, as notícias disseminadas sofriam constantemente alterações e as versões originais eram incineradas e deletadas, criando-se assim uma nova “verdade”.

O romance Fahrenheit 451 retrata uma sociedade de onde os livros haviam sido banidos e onde os bombeiros já não apagavam fogos, apenas queimavam livros. As casas, por sua vez, eram de materiais não inflamáveis. Fahrenheit 451 (equivalente a 233 graus Celsius) diz respeito à temperatura a que ardem os livros, ou seja, o título faz alusão à temperatura na qual o papel do livro pega fogo e queima. Foi lançado em 1953 por Bradbury, mas sua ação se passa num futuro não muito distante dessa época. Em uma passagem do livro, é relatado que: “Desde 1990, já fizemos e vencemos duas guerras atômicas!” (BRADBURY, 2012, p. 97) O que leva o leitor a deduzir que o futuro de Bradbury corresponde mais ou menos ao nosso presente. (BRADBURY, 2012).

Em Fahrenheit 451 o controle midiático está presente o tempo todo de uma forma muito explícita, principalmente pela presença dos salões de televisão, de radioconchas e pela falta de contato com

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica

os livros. Aspectos da vida cotidiana são estranhados pela imensa parte da população que está alienada, pensar é estranho, não se pode caminhar, ou até mesmo, conversar com seus familiares sobre determinados assuntos.

Na obra de Bradbury as televisões são representadas como grandes telas acopladas às paredes em cômodos chamados "salões", geralmente as televisões funcionam em volumes muito elevados e a quantidade de televisões pode variar de acordo com a situação econômica. Mildred, a mulher de Montag, é totalmente alienada e comandada pela televisão, além disso, diariamente faz uso de pílulas narcotizantes, que a deixam ainda mais aquém da realidade. Os atores dos programas televisivos são chamados de "família", com eles os espectadores conversam, são chamados pelo nome e interagem com a cena, inclusive recebendo em casa o roteiro com sua função no espetáculo. Rosenfield in Bradbury (2012) enfatiza que nessa situação é criado um saturamento sensorial, onde o tédio é substituído por um sentimento de completude e preenchimento de conteúdo inútil. A crítica do autor, prevendo os efeitos colaterais de uma possível dominação pelas mídias de massa se faz presente o tempo todo.

A questão dos livros é abordada de forma muito forte, durante a obra é questionado, o poder que eles exercem, porém, a grande maioria da população da sociedade de Bradbury (1953) é "hipnotizada" com o bombardeio de informação que ocorre por parte dos meios de comunicação.

A íntima relação do controle midiático e a falta de livros na sociedade de Bradbury não é em vão, os livros nos convidam a refletir, mas as televisões simplesmente nos induzem a pensamentos prontos. Em Fahrenheit não foi o governo que impediu, inicialmente, a leitura, a população iniciou o movimento do rompimento com os livros, que ocorreu após a Guerra Civil, os bombeiros então, foram designados a auxiliar no bem-estar da população, de modo que, não atrapalhem, não deixem os cidadãos de bem perturbados com suas possíveis indagações.

O sensacionalismo midiático presente na obra de maneira explícita faz com que vidas sejam manipuladas pelo simples show exibido ao espectador. Após o incêndio na casa de Montag e o protagonista ter matado o seu chefe Betty, inicia uma intensa "caçada" pelo ex-bombeiro. É claro que a mídia não perderia a oportunidade de fazer com que a procura ao foragido, transmitida em tempo real e hipnotizasse a população que assistia. Ou seja, a busca pela audiência a todo o custo fez com que matassem um homem qualquer parecendo que haviam terminado com a vida de Montag. "A busca terminou, Montag está morto; foi reparado um crime contra a sociedade."

(BRADBURY, 2012. P. 180) A mídia e a polícia não poderiam errar, deveriam capturar o foragido, e manter uma caçada ainda mais longa faria com que os espectadores perdessem o interesse.

Ao analisar e refletir sobre as obras 1984 de Orwell e Fahrenheit 451 de Bradbury, foi possível constatar semelhanças e diferenças em como são abordadas as questões midiáticas. Orwell escreve seus livros sob o impacto dos regimes totalitários (nazismo e stalinismo), Bradbury percebe o nascimento de uma forma mais sutil de totalitarismo: a indústria cultural, a sociedade de consumo e seu corolário ético — a moral do senso comum (BRADBURY, 2012. p. 15). A mídia exerce o papel comercial e de entreter, para que não se pense em nada que não seja "realmente útil". O pensamento crítico, na obra de Bradbury, é deixado em segundo plano, enquanto na sociedade do Grande Irmão é considerado crime.

Observamos aspectos midiáticos relativamente simples e muito semelhantes aos que possuímos em nossas sociedades, como por exemplo televisões e rádios. Não devemos esquecer que as obras

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica

analisadas nesse estudo datam do século passado, um período de profundas modificações na humanidade. A expansão da presença das diversas mídias nos lares e a modernização de diversos aspectos de nossas sociedades. A alienação e o controle exercidos pela mídia em Fahrenheit 451 e 1984 faz com que percebamos como o uso indiscriminado e sem os devidos cuidados, como por exemplo o estar sempre atento e a constante reflexão podem deixar marcas profundas nos indivíduos, podendo influenciar tanto nas relações quanto na percepção do tempo e dos acontecimentos do mundo que nos rodeia.

A importância do estudo de questões referentes à mídia é posta pelo autor Buckingham em Media Education (2003) onde são apresentados alguns indícios de como o estímulo a pensar sobre práticas educativas, desde cedo, nesse sentido pode fazer com que os jovens desenvolvam habilidades criativas e senso crítico, o que, por vezes, falta em nossas sociedades. Cada vez mais as questões midiáticas estão em debate, isso ocorre devido à constante presença em nosso contexto dos seus diversos meios e formas. Em uma sociedade justa, todos devem ter o poder de pensar, de criticar e analisar seu papel no mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, pensando no papel educativo e no poder transformador que a educação nos dá, enquanto profissionais da educação, em formação ou já em atuação, devemos pôr à prova e levar questões relevantes aos nossos educandos, promovendo uma verdadeira educação midiática, para que possamos garantir que as novas gerações vivam baseadas em ideais sólidos, críticos e criativos. Refletimos, no presente artigo, acerca das obras literárias que nos dão perspectivas sociais distópicas, mas a promoção de efetivas ações podem sim nos levar à sociedades utópicas, isso é, sociedades ideais.

Palavras-chave: Controle; Distopia; Literatura; Mídia.

Keywords: Control; Dystopia; Literature; Media.

REFERÊNCIAS

- BRADBURY, Ray. *Fahrenheit 451*. São Paulo, Ed. Globo, 2012.
- BUCKINGHAM, David. *Media Education*. Ed. Cambridge, 2003.
- CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura Comparada*. São Paulo, Ed. Ática, 2004.
- CLAEYS, Gregory. *Utopian Literature*. Cambridge, 2010.
- HELAL E GONÇALVES, Ronaldo e Márcio Souza. *Do grande aos pequenos irmãos - relação entre mídia e controle social*. UERJ, 2002.
- ORWELL, George. *1984*. São Paulo, Ed Companhia das Letras, 2009.
- VIEIRA, Fatima. *The concept of utopia*. In: CLAEYS, Gregory. *Utopian Literature*. Cambridge, 2010.